

Alemanha, 1968: dos sonhos e dos pesadelos de uma geração derrotada

Mário Maestri*

Já é habitual a apresentação pela editoria, pela cinematografia, pela grande mídia fala, escrita, televisiva, etc. européias dos "Anos de Chumbo" como mero resultado da ação de jovens desajustados que, no contexto de *cultura* esquerdista da *violência*, entregaram-se à prática do terrorismo, em boa parte devido ao gosto pela aventura. A essa leitura associou-se habitualmente a apresentação das jornadas de 1968, que cumprem, agora, em 2008, seus quarenta anos, como gestação dos anos de violência vividos na década seguinte.

Sobretudo na Alemanha, essa explicação ideológica daqueles complexos e germinais embates sociais e políticos exige mergulho na mistificação plena, sobretudo porque os acontecimentos propiciados pela chamada *Banda Baader-Meinhof*, principal grupo *guerrilheiro* da Alemanha Federal, iniciaram-se e concluíram-se com atos de sangue promovidos, não pelos *terroristas* derrotados, mas pelo Estado alemão *vitorioso*. Também devido ao seu epílogo dramático, a Fração do Exército Vermelho [RAF] assombra ainda hoje a Alemanha, exigindo uma catarse nem que seja historiográfica até hoje jamais realizada.

Execuções a Sangue Frio

Na madrugada de 8 de maio de 1976, pouco mais de dez anos após as memoráveis mobilizações estudantis e populares, Ulrike Meinhof, de 42 anos, a mais conhecida militante da RAF, foi morta na prisão por policiais ou militares alemães. Por solidariedade diante do *inimigo* comum, o mundo político europeu manteve total silêncio sobre o frio assassinato que reavivava a ferida ainda semi-aberta do excídio nazista. A execução exacerbou o esforço dos remanescentes da organização militarista, num contexto de crescente desmobilização das lutas sociais, devido ao forte refluxo das mobilizações de 1967-8, para libertar os companheiros sob risco de morte na prisão.

Em 5 de setembro de 1977, um comando da RAF seqüestrou o *patrão* dos industrialistas da Alemanha, exigindo em troca militantes presos. Em 13 de outubro, comando da Frente Popular pela Libertação da Palestina, solidário, seqüestrou Boeing 737 da Lufthansa com oitenta passageiros, para fortalecer o pedido de libertação dos presos da RAF. Na madrugada de 17 de outubro, comandos alemães assaltaram o avião, libertaram os passageiros, executando os guerrilheiros palestinos. Era a primeira vez que as forças armadas alemãs atuavam fora de suas fronteiras, desde a derrota nazista de 1945.

Na manhã do dia 18, três fundadores da RAF – Andréas Baader, Jan-Carl Raspe e Gundrun Ensslin – foram igualmente assassinados em suas celas. O governo alemão apresentou as execuções como suicídios, sem sequer se preocupar em explicar como os presos teriam obtido em cárceres de máxima segurança pistolas exclusivas das forças armadas e dispararam, à

* **Mário Maestri** é professor do curso e do programa de Pós-Graduação em História da UPF. É autor de, entre outros, *Antonio Gramsci: vida e obra de um comunista revolucionário*, escrito em associação com G. Candreva [São Paulo: Expressão Popular, 2007.]

distância, em suas próprias nuças. Ou por que, com tão potentes armas nas mãos, não dispararam contra seus carcereiros... Não houve também qualquer questionamento sobre os fatos por parte dos governos aliados ocidentais.

História para Jovens e Adultos

Em 2003, Alois Prinz publicou, na Alemanha, *Desocupem as estradas dos sonhos*: a vida de Ulrike Meinhof, lançado, em 2007, na Itália, pela editora Arcana. Com o livro, o jornalista alemão de 49 anos, autor de biografias para jovens, com sucesso também entre os adultos, junta-se ao esforço permanente de justificação dos crimes de Estado e, sobretudo, de *encobrimento* das jornadas anti-capitalistas dos anos 1960-1970 na Alemanha Federal. Jornadas de rica complexidade, envolvendo dezenas de milhares de estudantes, operários e populares ativistas e simpatizantes através de todo o país, nas quais as poucas dezenas de militantes da RAF assumiram caráter protagonista apenas devido à *midiatização* orquestrada e utilizada política e ideologicamente pelo governo alemão na época.

A biografia aborda inicialmente as origens familiares e os primeiros anos de Ulrike Meinhof, que viveu até os dez anos sob o regime nazista. Análise que apresenta, sem aprofundar, a dilaceração, no pós-guerra, dos democratas e socialistas alemães, diante da reconstituição do Estado autoritário, expressão do grande capital que sustentara a gênese, ascensão e consolidação do regime nazista e, a seguir, seus inomináveis crimes. Uma ordem *democrática* que, sob o comando das forças conservadoras alemãs, ilegalizou o Partido Comunista; proibiu o emprego público aos marxistas; institucionalizou o controle ideológico dos sindicatos; rearmou o país, exigindo o armamento atômico, sempre sob a hegemonia do imperialismo estadunidense.

À contextualização dos anos quarenta e cinquenta segue-se, entretanto, uma muito avareza abordagem do forte confronto político, ideológico e social vivido na Alemanha Federal nos anos de 1960 e 1970. Confronto estreitamente determinado pela atração-repulsão exercida pela República Democrática Alemã, quase ausente na abordagem. Para Alois Prinz, é como se os acontecimentos das décadas de sessenta e setenta não tivessem relações com o confronto e, a seguir, com a derrota e a anexação da RDA, sob a pressão da avalanche neoliberal geral dos anos oitenta.

Os Grandes Ausentes

Alois Prinz praticamente não se refere ao movimento operário alemão, sob o controle de social-democracia ainda formalmente marxista, mas já totalmente subordinada ao grande capital alemão e mundial, o que lhe permitiu ascender ao governo em 1969. Não há igualmente recapitulação pertinente da rica oposição, em boa parte revolucionária e anti-capitalista, de parte da juventude estudantil, operária e popular alemã, que se exprimiu criativamente no mundo da política, da cultura, do comportamento, etc. Realidades paradigmáticas como as "comunas" de Berlim são liquidadas pelo autor com referências sarcásticas e ideológicas.

A apresentação da esquerda bordeja ao caricatural. Os militantes incultos e desinteressados com o marxismo do autor chocam-se com geração que redescobriu a literatura marxiana e marxista, tradicional e heterodoxa, consumindo vorazmente autores como Lênin, Trotsky, Rosa Luxemburgo, Walter Benjamin, Theodor Adorno, Erich Fromm, Georg Lukács, Ernst Bloch. Com a abordagem seletiva de debates da época, Alois Prinz apresenta o ativismo anticapitalista como negação da vida, que levaria inexoravelmente à melancolia, registrando o objetivo socialmente *quietista* desse livro destinado à juventude.

É também pobre a abordagem de temas essenciais como a União Socialista dos Universitários da Alemanha [SDS] e o atentado a Rudi Dutschke, principal líder da Oposição Extra-Parlamentar, em 11 de abril de 1968. Incentivado pelo grupo editorial Springer e possivelmente organizado pela polícia secreta alemã, o atentado, com enorme repercussão mundial, motivou fortes manifestações estudantis através do país. Falecido em 24 de dezembro de 1979 devido às seqüelas do atentado, Rudi Dutschke opunha-se claramente às propostas de "luta armada" propugnadas pela RAF e outros grupúsculos da RFA.

O importante movimento de universitários, secundaristas, aprendizes, etc. ensejou fortes mobilizações que, centradas em Berlim, atingiram e convulsionaram todos os cantos da Alemanha Federal. Principal expressão pública desse movimento de politização, Rudi Dutschke foi também o porta-voz da proposta de luta por uma "Universidade Crítica", discutida naqueles anos através de todo o mundo universitário convulsionado por mobilizações semelhantes. No Brasil, a luta por uma "Universidade Crítica" foi defendida, com forte repercussão nas universidades, pelo recém-organizado Partido Operário Comunista, de composição sobretudo universitária e juvenil.

Grande Ausente

Em *Desocupem as estradas dos sonhos*, o principal e grande ausente é sobretudo o enorme confronto da época entre o imperialismo estadunidense e seus aliados e o impulso revolucionário mundial que, após as vitórias da revolução anticolonial argelina e socialista cubana, se espalhava através do mundo, incendiando o Vietnã, a Camboja, a Palestina, a Pérsia, as colônias portuguesas da África etc. Confronto que explodiria, em maio de 1968, na França, levando o espectro da revolução operária ao coração duro da Europa Ocidental, e prosseguiria, com singular vigor, na Itália, até inícios dos anos 1970, quando entraria em claro refluxo.

É precisamente a ignorância do confronto mundial entre o mundo do capital e do trabalho, que se expressava igualmente, em forma oblíqua e deturpada, no embate entre *Leste e Oeste*, que permite ao autor apresentar a *guerrilha urbana alemã* como simples resultado da atração patológica pela violência de jovens esquerdistas desorganizados para a vida, e não como ação marginal de militantes protagonistas, em momento de refluxo das amplas lutas sociais dos anos anteriores. Os militantes da RAF de Alois Prinz são semi-adolescentes incultos, quase delinquentes, como Baader, ou intelectuais protagonistas, de hábitos burgueses, frustrados por vida amorosa fracassada, como Ulrike Meinhof, sua biografada.

Sobretudo, os anti-heróis dessa aventura política dramática são péssimos pais, que doutrina em forma sectária os filhos desde o nascimento para, a seguir, abandoná-los sem pena e dó, expondo-os comumente aos piores perigos, a fim de dedicarem-se com maior liberdade à vida de guerrilheiros tresloucados. Abordado longamente com sentimentalismo pegajoso, o tema "filhos abandonados" demarca em forma gritante os objetivos do autor de vacinar afetivamente a juventude alemã atual contra o vírus do radicalismo anticapitalista, não apenas na forma restrita e desviada de ações militares em nome de um movimento social e objetivos político que jamais se identificaram nesses atos.

Sem Coca-Cola, não é possível!

A desconstrução literária dos militantes da RAF é levada ao extremo também no relativo às capacidades de militantes. Absolutas nulidades políticas, mentecaptos ideológicos, como guerrilheiros são verdadeiros diletantes, chegando ao desplante de exigirem, acredite quem quiser, em pleno campo de treinamento palestino, máquina distribuidora de Coca-Cola! O que

não impede, segundo o autor, que esses aprendizes de guerrilheiros – que se inspiravam no “Mini-manual do Guerrilheiro Urbano”, escrito por Carlos Marighella em 1969 – tenham descoberto, na vertigem da atração pela violência pura, tenham descoberto forte “paixão pelas armas”.

A assinalada explicação dos sucessos abordados, como produto de idiosincrasias pessoais, à margem dos fortes confrontos políticos e sociais dos anos 1960 e 1970, em claro refluxo na Alemanha e na Europa, fecha definitivamente a possibilidade de compreensão da gênese desses pequenos grupos armados – e do apoio e simpatia que conheceram, ainda que muito pontual e decrescente – como a RAF, na Alemanha; as Brigadas Vermelhas, na Itália; a Ação Direta, na França etc. Fortemente *mediatizadas*, as ações desses grupúsculos serviram para demonização das lutas sociais e políticas anti-capitalistas, das quais eles se autodenominavam como vanguarda, apesar de se manterem estranhos e dissociadas das mesmas, orgânica, política e ideologicamente.

Ao abordar a vida dos militantes da RAF na prisão, Alois Prinz quase justifica as macabras experiências alemãs de longas reclusões à margem de estímulos visuais e sonoros, com o objetivo de destruir os prisioneiros, sem violências físicas direta, experiências mais tarde generalizadas pelos estadunidenses, após o 11 de setembro. Métodos de tortura *limpa* que levaram os presos da RAF a greves de fome, como as empreendidas por Holger Meins que, com 1,83 de altura, morreu de inação, com 39 quilos, em 9 novembro de 1974, contribuindo para que nova geração de ativistas, já radicalmente dissociada de movimento social em forte refluxo, seguisse em luta cada vez mais isolada e sectária.

Na conclusão de *Desocupem as estradas dos sonhos*: a vida de Ulrike Meinhof, já despidamente, Alois Prinz lava as mãos no que se refere à morte de sua biografada e de seus companheiros, avalizando tanto a possibilidade do suicídio, como a das execuções, questão, para ele, quase de menor importância. “[...] entre os companheiros e simpatizantes surgiu o suspeito que os detidos tivessem sido assassinados. A questão se e fosse tratado de homicídio ou suicídio tornou-se uma questão de fé”. Ou seja, crença apoiada em pressupostos pré-determinados, independente de acontecimentos objetivos, sobre os quais o autor praticamente não se pronuncia.

Uma História sem Fim?

Apenas em 1998, já desmobilizada, a RAF realizaria autocrítica parcial, ao anunciar sua dissolução: “A RAF foi uma tentativa revolucionária de uma minoria, em oposição à tendência da sociedade, de contribuir à modificação das relações capitalistas [...]. A conclusão deste projeto demonstra que não podíamos fazer daquele modo. Mas não renegamos a necessidade e a legitimidade da revolta”.

Nesse então era já claro que a luta iniciada em 1969-70, sobretudo após o enorme refluxo da vaga revolucionária e vitória mundial da contra-ofensiva neoliberal, favorecera apenas a demonização recém-assinalada do ativismo social na Alemanha e a ampliação da legislação autoritária que se mantém, em boa parte, até hoje. Realidades que sugerem o sentido da *instrumentação* daqueles acontecimentos, desde seus inícios, pelo Estado alemão, ao igual do ocorrido, talvez ainda em forma mais clara, na Itália. O próprio Alois Prinz assinala – muito rapidamente e sem se aprofundar – que as primeiras armas e bombas obtidas pelos estudantes, após o assassinato do universitário Benno Ohnesorg, em 1967, por um policial, foram cedidas pelos serviços secretos alemães.

Em março de 2007, Brigitte Mohnhaupt, de 57 anos, membro da segunda geração da RAF, obteve liberdade condicional, após 24 anos de prisão. Três outros membros da RAF, todos eles já cinquentenários, Christian Klar, Eva Sybille Haule e Birgit Hogefeld, seguem ainda na prisão. A liberdade de Brigitte e a próxima libertação de seus companheiros, após cumprirem as penas exigidas pela lei aos condenados à prisão perpétua, ensejou campanha de imprensa e declarações de órgãos patronais denunciando a libertação de esquerdistas que, mesmo renegando os atos violentos incondicionais, não abdicaram de suas convicções sociais.

Imprensa e associações patronais que, com seu silêncio cúmplice, permitiram que, nas últimas três décadas, dezenas de milhares de oficiais, soldados e funcionários nazistas, responsáveis pelas mortes de milhões de civis, velhos, adultos e crianças, morressem gozando das pensões recebidas pelos serviços prestados ao Estado alemão. Responsáveis por crimes terríveis e notórios o como do pequeno lugarejo toscano de Sant'Anna di Stazzema [www.santannadistazzema.org/], onde, em 12 de agosto de 1944, mais de quatrocentos populares refugiados da guerra, sobretudo velhos, mulheres e crianças, foram assassinados a sangue frio. Apesar do crime bestial, os oficiais nazistas responsáveis – Werner Bruss; Alfred Concina; Ludwig Göring; Karl Gropler; Georg Rauch; Horst Richter; Heinrich Schendel; Alfred Schönemberg; Gerhard Sommer, Heinrich Sonntag etc. – seguiram após a guerra comumente morando tranquilamente na Alemanha Federal. Um Estado alemão que, até hoje, nega-se a conhecer suas responsabilidades e a levar à justiça os responsáveis diretos e indiretos pelas execuções, a sangue frio, dos prisioneiros da RAF, em maio e setembro de 1977.